

ARTIGO

A escola como um grupo e os grupos na escola¹

Solange Aparecida Emílio²

Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares - NESME

RESUMO

A escola pode ser vista como um espaço privilegiado para a ocorrência de fenômenos grupais. No entanto, as leituras e intervenções realizadas não costumam considerar aspectos grupais, seja na escola como um grande grupo ou nos diversos grupos que ela comporta. Isso provavelmente ocorre em função da falta de preparo dos agentes escolares para a percepção e conseqüente intervenção sobre os fenômenos grupais presentes, pois o estudo de grupos não costuma fazer parte da formação dos professores, coordenadores, orientadores e diretores. A autora, como grupoterapeuta e pesquisadora do contexto escolar, propõe algumas reflexões acerca da questão para que sejam pensadas possibilidades de mudança deste quadro.

Palavras-chave: Grupos; Educação; Grupos na escola.

The school as a group and the groups in the school

ABSTRACT

The school can be seen as a privileged space for the occurrence of group phenomena. However, the readings and interventions carried out do not usually consider group aspects, either in the school as a great group or in the diverse groups that it holds. That probably occurs in function of the lack of preparation of the school agents for the perception and consequence intervention on the group phenomena, since the study of groups is not part of the graduation of teachers and the coordination staff. The author, as a grouptherapist and researcher of the school context, considers some reflections concerning the question so that the possibility of changing this situation can be thought.

Keywords: Groups; Education; Groups in the school.

La escuela como un grupo y los grupos en la escuela

RESUMEN

La escuela se puede ver como espacio privilegiado para la ocurrencia de los fenómenos del grupo. Sin embargo, las lecturas e intervenciones habitualmente no consideran aspectos del grupo, sea en la escuela como un gran grupo o en los grupos diversos a que sostiene. Esto ocurre probablemente en función de la carencia de preparación de los agentes de la escuela para la percepción y la intervención consecuente acerca de los fenómenos del grupo, por lo tanto el estudio de los grupos no hace parte de la formación de los profesores, coordinadores, la gente que orienta y los directores. La autora, como grupoterapeuta e investigadora de lo contexto de la escuela, considera algunas reflexiones de modo que sean pensadas posibilidades de cambio de este cuadro.

Palabras clave: Grupos; Educación; Grupos en la escuela.

Sabemos, com Copérnico, que a Terra não é o centro do universo, mas “o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar” (FREUD, 1917, p. 336); a partir de Darwin já não percebemos um abismo tão grande entre as naturezas humana e animal; e com o advento da psicanálise, descobrimos que o “o ego não é o senhor nem mesmo em sua própria casa” (Op. cit., p.336), já que determinações inconscientes muitas vezes governam o indivíduo. Parecia restar-nos a nossa individualidade, templo supostamente intocável. No entanto, já há algum tempo sabemos que o indivíduo em grupo sente, age e pensa de modo diferente de quando está só. Basta observarmos nossas próprias reações nos diversos grupos aos quais pertencemos e perceberemos que não é possível considerarmos o Homem a partir de um enfoque exclusivo no indivíduo, uma vez que este sofre influências determinantes dos diversos grupos dos quais faz parte. Como afirma Ávila (1995), “o grupo, no indivíduo, é quem age”(op. cit. p. 40).

No entanto, muitas vezes, tal influência não fica tão evidente. Ao observarmos crianças brincando em um parque público, vemos que elas muitas vezes se agrupam, participam de alguma brincadeira em conjunto e se separam quando a brincadeira acaba ou quando se aborrecem; no instante seguinte, não sabem qual dos presentes participou da brincadeira ou não se interessam por isso; em alguns momentos, estão juntos, mas envolvidos em brincadeiras individuais. Também, nós, adultos, quando estamos em um transporte coletivo somos capazes de nos mantermos totalmente isolados, estando a menos de cinco centímetros de distância de uma outra pessoa a quem não conhecemos. Lemos, dormimos e conversamos pelo celular, como se estivéssemos sozinhos.

Nos casos acima, estamos falando de **agrupamentos de pessoas** e não de **grupos**. Parto, para esta afirmação, da definição elaborada por Pichon-Rivière (1994), na qual o grupo é um conjunto de pessoas “ligadas entre si por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua *mútua representação interna*, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade” (op. cit. p. 177). Entendendo melhor, grupo se referiria às pessoas que estão juntas por algum tempo e que fazem parte do mundo interno umas das outras, ou seja, há algum nível de familiaridade, e compartilham de uma tarefa, pelo menos explicitamente (podem haver motivações inconscientes opostas, num mesmo grupo). Assim, a diferença entre crianças que brincam juntas no recreio da escola ou no parque público e de pessoas que viajam acompanhadas de conhecidos ou sozinhas (apesar de em um espaço compartilhado) pode estar no fato de haver ou não a configuração de um grupo.

É mais fácil compreendermos as afirmações acima se retomarmos o conceito de vínculo. Para Pichon-Rivière (1995-b), no vínculo está implicado tudo e complicado tudo, pois através da relação com uma pessoa, repete-se a história de outros vínculos. Ele está falando, então, das implicações presentes no processo de vinculação e nas complicações advindas de nossas vinculações anteriores. O vínculo diz respeito a uma estrutura complexa, que inclui um sujeito, um objeto e sua representação mútua, com processos de comunicação e aprendizagem. Pressupõe a existência de um emissor, um receptor, uma codificação e uma decodificação da mensagem. Por este motivo, o vínculo é sempre bicorporal e tripessoal, pois há uma presença internalizada, que pode ser positiva ou negativa e nos acompanha em todas as nossas vinculações (PICHON-RIVIÈRE, 1995-a).

Ao estudarmos os grupos, descobrimos que nestes há fenômenos específicos e característicos. Também, que as intervenções de um coordenador de um grupo (professor, chefe, diretor de escola, etc.) não podem desconsiderar tais fenômenos. Por exemplo, duas crianças desconhecidas que se chutam no parque público estão provavelmente sujeitas a emoções diferentes de duas crianças conhecidas que se chutam no recreio da escola. No primeiro caso, pode ser uma simples bola dividida ou a reação provocada pela invasão do espaço; no segundo, no entanto, pode se tratar de uma disputa pela atenção da professora, ou uma reação por ter sido ignorado ou ofendido por alguém cuja opinião é importante.

Como psicóloga, grupoterapeuta e pesquisadora do contexto escolar, percebo que, na prática, as leituras e intervenções realizadas não costumam considerar aspectos grupais, seja na escola como um grande grupo, seja nos diversos grupos que ela comporta. Isso provavelmente ocorre em função da falta de preparo destes agentes escolares para a percepção e conseqüente intervenção sobre os fenômenos grupais presentes, pois o estudo de grupos não costuma fazer parte da formação dos professores, coordenadores, orientadores e diretores.

Num primeiro momento, parece que a solução seria fornecer cursos de formação sobre grupos para a população presente no contexto escolar. Concordo com Zimerman (2000)

quando afirma que a meta a ser alcançada pelos interessados em grupos deve ser a de que os estudos dos fenômenos grupais adentrem as escolas. No entanto, parece que a questão é um pouco mais complexa, pois apesar de sabermos que o conhecimento construído sobre grupos, a partir da teoria e da prática, é fundamental para atender, coordenar e supervisionar grupos terapêuticos e não-terapêuticos, o contato com profissionais que se dedicam a ser grupoterapeutas e coordenadores de grupos tem me mostrado que mesmo entre estes a resistência ao estudo dos fenômenos grupais ainda é grande. Também, ao participar de instituições formadoras de grupoterapeutas, algumas questões têm me acompanhado: Por que tantas pessoas resistem aos grupos? Por que algumas desistem da formação e do estudo de grupos, mesmo não tendo desistido de atendê-los e/ou coordená-los e por que outras tantas sequer iniciam a formação ou o estudo sistemático dos grupos mesmo quando se dispõem a trabalhar com eles?

Na tentativa de ampliar a compreensão sobre as questões acima, acabei retomando partes de minha história pessoal com grupos: da terapia em grupos, iniciada quando ainda não era graduada em psicologia ao meu processo de formação como grupoterapeuta. Ao iniciar como membro de um grupo terapêutico - na ocasião não sabia que viria a trabalhar com grupos - vivi algumas experiências de esvaziamento do grupo e a angústia de não saber se este iria ou não prosseguir. Posteriormente, participei de um grupo de estudos e supervisão que durou alguns anos, mas acabou, após ter havido uma cisão inicial do grupo (que percebeu que seus membros tinham expectativas conflitantes em relação à proposta explícita e em relação ao supervisor), culminando em uma dissolução total do mesmo, algum tempo depois. Na seqüência, busquei formação em uma instituição que, na ocasião, estava com inúmeros projetos em andamento, promovia eventos, parecia bastante viva e atuante. Já durante o curso, surpreendeu-me o número de desistências dos alunos. Depois, era comum ouvirmos histórias acerca de cursos de formação de grupoterapeutas, que iniciavam com quinze a vinte alunos e terminavam com dois ou três. Anos após concluir o curso, soube, por uma ex-professora, que a instituição não existia mais.

Parece, assim, que a vida em grupo, mesmo nas instituições que se dedicam a estudá-los, é marcada por desistências e dissidências. A questão que talvez se coloque é o estar junto refletindo, pois é possível trabalhar com e em grupos, mas não, pensar sobre eles. Este pode ser um dos motivos que levam profissionais que trabalham com grupos, paradoxalmente, ao isolamento em relação a seus pares.

Quanto ao contexto escolar, podemos pensar que, pela sua própria característica, pode e deve se tornar um campo fértil para o trabalho de grupoterapeutas e estudiosos de grupos, principalmente no que se refere à formação dos profissionais envolvidos. Será necessário, para isto, a criação de espaços de reflexão e de discussão que tragam uma nova possibilidade de leitura da escola como um grupo de grupos. Acredito que o solo já está pronto e as sementes

têm sido lançadas, no entanto, ainda é necessário algum tempo e muito trabalho para que esta idéia possa florescer e dar frutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, L. A. O Indivíduo e o Grupo. **Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo**. vol.4, 1995.

FREUD, S. (1913) **Fixação em Traumas**. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVI).

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. 5.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____. **Teoria do Vínculo**. 5.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995 a.

_____. **Diccionario de Terminos y Conceptos de Psicología y Psicología Social**. Compilado por Joaquin Pichon-Rivière y colaboradores. Buenos Aires, Nueva Visión, 1995 b.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

Endereço para correspondência
Solange Aparecida Emílio
E-mail: solange.emilio@ig.com.br

¹ Trabalho Apresentado no II Congresso da SPAGESP e VIII Jornada do NESME em Ribeirão Preto (abril de 2004).

² Psicóloga e grupoterapeuta; mestre em Distúrbios do Desenvolvimento pelo Mackenzie; doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP-SP; membro e docente do NESME e da SPAGESP; coordenadora do CEPPV (Centro de Educação Permanente em Psicanálise dos Vínculos - NESME); coordenadora do departamento de Psicologia do Centro de Ensino São José.